

LAHES LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL 

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

O Cotidiano dos Mineiros da Mina de Passagem de Mariana – séc. XIX e XX

Rafael de Freitas e Souza
Mestre em História/UFMG. Professor da UFOP

1. Introdução

“O ouro toca desaforos...” – Conde de Assumar (Séc. XVIII)

“O ouro gosta de sangue” – ex-mineiro da Mina de Passagem (Séc. XX)

Ao longo de sua história, Minas Gerais sempre despertou interesse e mereceu especial cuidado da parte dos governos (Colônia, Império e República); por um lado devido à abundância do ouro e diamante e, por outro, por sua pujança agrícola, importância política e densidade populacional, marcada pelo grande contingente mancípio, sobretudo no século XIX. Muito já se escreveu sobre as riquezas naturais (minerais, animais e vegetais) desta região. Viajantes alemães, franceses, ingleses e de outras nacionalidades vieram conhecê-la, estudá-la e explorá-la.

Após a crise da extração aurífera verificada na segunda metade do século XVIII, em virtude do baixo conhecimento técnico e científico que impedia a extração do metal localizado a maiores profundidades, o século XIX presencia seu novo despertar com a introdução da tecnologia e capital inglês nesta atividade econômica.

Entretanto, deixando as ilusões, romantismos, heroísmos, ufanismos regionalistas e visão desenvolvimentista de lado, para extrair esta riqueza dos rios, encostas e subsolo, homens fizeram-se necessários. Homens verdadeiros para que, com o uso de sua força bruta, os materiais e técnicas disponíveis em cada época retirassem o metal reluzente que fez a alegria de poucos e a desgraça de muitos.

São estes **muitos** homens, mulheres e crianças, *les oubliés*, que interessam neste trabalho: os “mineiro(a)s”; sejam eles escravos ou trabalhadores livres, nacionais ou estrangeiros. Homens que não possuem, ou melhor, possuíam, altar no templo de Mnemósine. Aqueles que, ao longo dos séculos, partiram diariamente para a faina mineradora, adentravam na mina ao raiar do sol para empurrar os vagonetes, fazer os

escoramentos, trituração das pedras, acender o pavio das dinamites, socorrer aos amigos, manobrar o malho, operar as máquinas, rezar para sua padroeira (Santa Bárbara) e retornavam para casa, quando retornavam... Homens que corriam todos os perigos: soterramento, mutilação, afogamento, explosões e doenças como a tuberculose (conhecida com "a doença da mina") e a silicose. Homens, mulheres e crianças a partir de 12 anos que produziram a riqueza, mas não tiveram acesso a ela mais além do necessário para a mera sobrevivência. Pessoas que, apesar de todas as dificuldades, exerceram um emprego não ligado à atividade agrícola e/ou artesanal.

José Viera Couto (1994, p. 64), em sua *Memória*, escrita em 1799, já afirmara: "O horror de se soterrar um homem em uma mina por todo um dia, de se despedir ao nascer do sol de sua brilhante luz, e de só se guiar pelo fraco clarão de uma candeia, de ouvir estalar a cada instante a montanha sobre a cabeça, esperar a cada passo pela morte". Antes dele, na primeira metade do século XVIII, Luís Gomes Ferreira (2002), cirurgião reinol aprovado atendeu a diversos casos de doenças (pontadas pleurísticas, tísica, formigueiros) e acidentes de trabalho (fraturas, etc.) que acometiam os primeiros exploradores.

Este quadro de perigos e insalubridades será reiterado pelos diversos viajantes europeus que vieram a Minas Gerais e visitaram a Mina da Passagem ao longo do século XIX: Richard Burton, Saint-Hilaire, George Gardner, Ernest de Courcy, etc.

Este texto pretende apontar alguns caminhos que auxiliem no estudo da vida dos mineiros, preenchendo um hiato deixado pela historiografia no que tange ao cotidiano nas minas de prospecção em profundidade no século XIX, como Passagem.

A pesquisa documental que estamos realizando nos arquivos de Mariana e Ouro Preto vem permitindo extrair dados de grande relevância para a história econômica e social passíveis de quantificação. Por exemplo, dos registros de óbitos é possível levantar os acidentes e doenças ocupacionais mais freqüentes que atingiam estes trabalhadores, a taxa de mortalidade infantil na localidade, etc. De outros documentos, tais como censos populacionais e alistamentos eleitorais, é possível determinar tanto o perfil dos mineiros, quanto a presença de imigrantes, o destino dos ex-escravos, as ocupações econômicas dos moradores da localidade de Passagem, os vínculos matrimoniais, etc.

Preliminarmente, já foi possível detectar o predomínio da incidência da tuberculose que afetava, indistintamente, todos os moradores da localidade, inclusive os ingleses.

2. Impressões dos Viajantes e Depoimentos

"A escuridão, o pálido clarão das luzes, a falta de ar, o cheiro peculiar de enxofre e os cantos selvagens, com as paredes pendentes como o rochedo de Sísifo e a espada de Dâmcocles, tudo sugeria uma espécie de inferno de Swendenborgiam". (Burton, 1976, p. 285)

Embora tenham se dedicado primordialmente aos aspectos técnicos (formação geológica, maquinário, produtividade, etc.), os viajantes ofereceram importantes dados que, filtrados pelo olhar do historiador, são bastante reveladores do cotidiano dos mineiros ao longo de seus quase trezentos anos de funcionamento, tais como, o número de trabalhadores na mina, o trabalho feminino e infantil: "vimos uma parte do rico material lavado por mulheres" (Burton, 1976, p. 283), as relações de trabalho (escrava e livre assalariada), a origem dos trabalhadores (nacionais e estrangeiros: italianos, alemães e austríacos), as instalações (hospital, vestiário, pátios), o valor do salário, manipulação do mercúrio, divisão, condições e acidentes de trabalho, fiscalização contra roubo: "passamos por um novo prédio, o 'vestiário', onde ficarão as roupas que possam conter ouro" (id., ibid., p. 283), doenças, a marcação do ritmo do trabalho dos escravos: "todos os escravos, dirigidos por feitores brancos, estavam cobertos de suor, e entoavam, alegremente, seus cantos e coros selvagens, acompanhando o compasso com o bater dos malhos e das brocas." (id., ibid., p. 285), etc.

Ernest de Courcy, p. ex., descreve a execução de importante obra na mina - a construção de grande canal, de 9 km, desviando as águas do ribeirão do Carmo, que chega com queda de 40 metros para servir de força motriz dos pilões para a exploração da mina. Segundo ele, foram os italianos que ousaram empreender essa abertura, sob a direção de Wandeborn. Relevante para nossa análise é ressaltar os perigos e dificuldades por que passaram os trabalhadores para a execução desta obra:

Olhando o ribeirão do Carmo, que ruge lá embaixo, somos quase tomados de vertigem. O que devem então ter agüentado aqueles que, suspensos por cordames presos no alto da montanha, abriram a golpes de martelo na rocha os buracos destinados aos cartuchos explosivos? Enquanto sob eles, se a corda, ou o pé, viesse a lhes faltar, a morte era certa! Felizmente nenhum acidente houve para se deplorar, e esse curso de água improvisado que traz a riqueza não deixará para trás nenhuma história triste (Courcy, 1997, p. 103).

Acidentes não eram problemas exclusivos da Mina de Passagem. Burton (1976, p. 182) cita aqueles ocorridos na mina de Carapuchu em Jaraguá, perto de SP, onde "não se deu à encosta, contudo, uma rampa suficiente, não se julgou necessário fazer uma escora, e os lados solapados, ruíram. Assim, foram esmagados alguns negros." Em Gongo Soco, "A água invadiu a mina; a matriz foi solapada em suas bases e os trabalhadores morreram afogados - sem culpa de ninguém, a não ser da drenagem." (id. Ibid., p. 184). Ora, a drenagem foi feita por alguém. Martins (1989, p. 23) cita desastre de trágicas proporções ocorrido em São João del Rei, onde "foram soterrados onze feitores e duzentos escravos". Para Passagem, podemos exemplificar com a morte de Pedro Zadra, austríaco da Província de Tirol que faleceu às 10h do dia 25 de agosto de 1898:

devido a uma casualidade de que sobreveio e lhe deu a morte em um dos alargamentos da Companhia deste distrito no lugar denominado Rolim, cujo incidente foi devido um chouco (sic) que lhe caio casualmente no dicto lugar. Como ficou provado por depoimento de testemunhas de toda fé que prezenciarão o facto casual e ficou demonstrado ser verídico¹.

Não obstante, não se pode negar que havia certa preocupação com a segurança no local de trabalho, como o demonstram os escoramentos feitos desde o século XVIII e os vagonetes introduzidos no século XIX, que continham um gancho de engate para evitar que o veículo descesse sem controle.

Na mina de Morro velho, o uso de equipamento de segurança do trabalho só se tornou obrigatório ao longo dos anos quarenta do século XX, conforme demonstrou Eakin (1989). Esta obrigatoriedade surge devido à legislação trabalhista que prescreve a segurança do trabalho e o atendimento ao acidentado. Ou seja, durante praticamente toda a história da Mineração em Minas Gerais houve pouca ou nenhuma regulamentação e/ou fiscalização quanto à segurança dos trabalhadores. Sem exagero, as consequências são alarmantes e passíveis de serem quantificadas e demonstradas.

A tecnologia introduzida a partir do século XIX, como o maquinismo movido a água e ar, a eletricidade e a dinamite, por intensificar o trabalho, demandou maior contingente de mão-de-obra, longas jornadas e, consequentemente, elevou tanto a produtividade quanto o número de acidentes. Vale citar, *horribile dictu*, o infortúnio do mineiro austríaco casado, Jacob Atercoli, que faleceu aos 40 anos vitimado por "explosão de dinamite" às 21 horas do dia 16 de junho de 1903².

3. Concatenando Documentos

"Parece o Inferno!" (Resposta do negro Chico, quando Richard Burton indagou-lhe sobre sua opinião acerca da Mina no século XIX)

Segundo Ferrand (Ferrand, 1998, p. 332), a companhia possuía também um hospital instalado,

em uma casa espaçosa e bem ventilada, situada a um quilômetro da mina, na estrada de Passagem a Mariana. Nele estabeleceu um médico, auxiliado por um enfermeiro e uma enfermeira que tratavam os feridos da mina e os nativos doentes empregados na mina, que não tinham meios de se medicar em casa. Se o operário que sofreu um acidente no canteiro de obras prefere tratar-se em casa, recebe durante todo o tempo a metade de seu salário. Além do mais, o médico e uma farmácia são postos gratuitamente à disposição do pessoal e de sua família, por meio de uma contribuição de 1,5% retirado do salário.

¹ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 2, p. 18.

² - Arquivo do Cartório de Passagem, Livro de Óbitos nº 2, p. 69.

Portanto, evidentemente, não era "gratuito", era pago. Este hospital, foi o primeiro de Minas Gerais a possuir Raio X e, segundo os mineiros, já manteve exposto, dois pulmões de silicóticos. Havia também outro prédio, segundo eles, reservado para os morféticos.

O referido hospital, provavelmente, vivia repleto de pacientes. O século XIX é o século de ouro da tuberculose (Montenegro, 1949). Nos registros de óbito de Passagem, é assustador o número de crianças e adultos, brasileiros e estrangeiros, que faleceram de tuberculose, pneumonia e outras complicações pulmonares. Alguns deles, segundo os próprios documentos, faleceram nos leitos do hospital da Companhia.

Um estudo de caso ilustra bem o que estamos dizendo. O mineiro Eduardo Camillo, era solteiro em 1895, tinha à época 47 anos e filho do Capitão [ilegível] Bebe. Eduardo veio a falecer de "nephrite chronica" no dia 21 de agosto de 1899 no hospital da Companhia *The Ouro Preto Gold Mines*, portanto, com 51 anos e ainda solteiro. Seu atestado de óbito foi passado pelo Dr. Gomes Freire de Andrade³.

Mas, nem todos tinham acesso à assistência médica, como por exemplo, a filha do mineiro Vicente Pantuso⁴ de 33 anos, natural da província de Cilier, comuna de "Spazano Grande" – Calábria. Filho de Pedro Pantuso e casado com sua mulher legítima, Maria Antônia (Pingidora?). Às 20 horas do dia 21 de setembro de 1897 perdeu sua filha legítima Maria Pantusa de apenas 17 dias, que faleceu em sua casa "sem assistência médica" - lamentavelmente não consta a *causa mortis* -, sendo sepultada no Cemitério Nossa Senhora da Glória em Passagem. Vicente Pantuso era analfabeto, pois o italiano Roco [ilegível] assinou a seu rogo o óbito⁵, por ele "não saber ler nem escrever". Assinaram também Domenico Multari e Capazzo Carmine, além da testemunha de práxis, João Euzébio de Almeida, que era um carpinteiro casado de 32 anos.

Dentre as diversas doenças que afigiam os mineiros e demais moradores de Passagem, pode-se destacar, além da tuberculose, a atrepsia e nefrite. As duas últimas vitimavam principalmente crianças. A segunda, de acordo com Coutinho (1987, p. 241) caracteriza-se por "Estado de profunda desnutrição dos lactentes, que pode ser conseqüência de diversas afecções, mas mais freqüentemente de transtornos digestivos". A terceira, "pode decorrer no decurso de várias doenças infecciosas, em particular escarlatina e difteria, mas também salmoneloses, infecções estreptocócicas, viroses, etc" (id. ibid., p. 375). Combinadas, revelam tanto o elevado grau de insalubridade pública, como o provável curto período de lactação que, como sabemos, possui remotas origens culturais, hábito já apontado por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1984).

³ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 2, p. 29.

⁴ - Vicente Pantuso aparece também registrado sob o número 585 no Alistamento Eleitoral Federal de Passagem de Mariana, realizado em 1897. Cf. Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana, Código 470.

Possuímos ainda, registros de acidentes envolvendo jovens trabalhadores. Vale citar o caso de Melchiades de Assis, de 19 anos, que faleceu de “homorragia proveniente de desastre na mina da Companhia The Ouro Preto n'este districto”⁶, às 21 horas do dia 01 de março de 1905. O segundo, vitimou a Domingos Gonçalves de apenas 15 anos que faleceu no dia 17 de setembro de 1908 devido a “Chock traumático”⁷.

Esta última expressão, e outras tais como, “esmagamento do crâneo”, “fractura do crâneo”, “comoção cerebral complicada de contusões profundas e ferimentos vastos”, “explosão de dinamite”, surgem com freqüência na documentação. Embora não ofereçam maiores detalhes, é fácil presumir que se refiram a acidentes de trabalho na mina. Assim como Eakin percebeu o ocultamento de casos de silicose em Morro Velho, verificamos, até então, a ausência de registros de óbito desta doença em Passagem, que pode estar disfarçada atrás das expressões “gangrena pulmonar”, “bronchite”, dentre outras.

O alto índice de absenteísmo pode ser atribuído tanto à recusa de exercer trabalho duro semelhante à escravidão e à possibilidade de sobreviver de seu próprio trabalho no campo, conforme argumentou Martins (1980), como à embriaguês⁸ e acidentes.

Em entrevista que realizamos com alguns ex-mineiros, eles nos relataram o atropelamento do mineiro "G" pelo vagonete. Informaram também que o maior número de acidentes era provocado por "fogo falhado" e "choco". O primeiro ocorria da seguinte forma: acendia-se de 25 a 50 furos e o *punguista* tinha que contar de ouvido as explosões. Se ele errasse, no outro dia, o operador da perfuratriz continuaria a perfuração num buraco que já contivesse dinamite; então ocorria a explosão. Os restos dos mortos saíam da mina em sacos retirados pelos "bosteiros" ou "papai-bunda" (homens encarregados de retirar as fezes que eram polvilhadas com pó de carbureto). O segundo refere-se à queda de lajes e blocos de pedras sobre a cabeça dos mineiros (como o caso do austríaco Pedro Zadra, citado anteriormente). Quando ocorria um acidente fatal, não havia interrupção do serviço. Além do mais, havia a crença de que "o ouro gosta de sangue"; ou seja, acidentes, eram prenúncio de que a extração iria aumentar. "As macas já ficavam na boca da mina" à espera do próximo acidentado, asseguraram os entrevistados.

O tempo útil de atividade um trabalhador do subsolo da mina era, de um a dois anos. Após este período, já apareciam os primeiros sintomas da silicose. Nesta afirmativa, não há nenhum exagero. Segundo René Mendes (1995, p. 115), em sua obra *Patologia do*

⁵ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 2, p. 5 e 5v.

⁶ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 2, p. 86v.

⁷ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 3, p. 1 e 1v.

⁸ - O consumo de cachaça na mineração foi preocupação que perseguiu as autoridades de Minas desde o século XVIII que proibiram a presença das negras de tabuleiro e limitou a distância que as vendas deveriam manter das lavras. Richard Burton (1979) registra o elevado consumo desta bebida entre os mineiros da mina de Morro Velho. Em Passagem já encontramos diversos casos de alcoolismo crônico como *causa mortis*.

trabalho, "A silicose é a principal pneumoconiose do Brasil". Ele descreve os três tipos de reação tecidual à sílica:

1. Silicose crônica: "caracterizada por ser uma doença de longo período de latência até o aparecimento das alterações radiológicas (normalmente após 10 anos do início da exposição) (...) Este tipo de silicose pode ser exemplificado com os casos observados na indústria da cerâmica no Brasil" (Morrone, 1979; Bagatin, 1988);
2. Silicose subaguda: Caracterizada por apresentar alterações radiológicas mais precoces, normalmente após cinco anos de exposição (...) É o caso da silicose observada em cavadores de poços (Deus Filho, 1982; Holanda, 1990) e mineiros de ouro de subsolo;
3. Silicose aguda: "É uma forma rara da doença, associada a exposições maciças à sílica livre, como no jateamento de areia ou moagem de pedra (...) É clinicamente limitante, podendo aparecer após exposições breves (meses até 5 anos), com uma sobrevida curta, normalmente menor que um ano" (Ferreira, 1992; Mendes, 1995, p. 115s).

Ainda segundo René Mendes (1995, p. 116), a relação de atividade de risco é vasta:

- Indústria extractiva mineral: mineração subterrânea e de superfície;
- Beneficiamento de minerais: corte de pedras; britagem; moagem; lapidação.

Em seguida, o autor enfatiza que "A maior parte dos casos diagnosticados de silicose no Brasil é proveniente da mineração subterrânea de ouro (Minas Gerais e Bahia), cerâmicas (São Paulo) e fundições" (1995, p. 116).

"As pessoas morriam estouradas de tosse", afirmaram os entrevistados. Para abreviar este sofrimento, alguns mineiros faziam um pacto: um trabalhador mataria o outro quando a doença se agravasse. O senhor "A" matou, o senhor "B" no cumprimento deste acordo. Pediu que os amigos e parentes saíssem do quarto e sufocou-o com o travesseiro.

Na Pia 1, muito profunda, havia muita falta de ar e causava desidratação nos trabalhadores devido à excessiva transpiração. Eram freqüentes os desmaios. Eles diziam: "sambou", referindo-se ao operário que desmaiou.

"Em Passagem havia muito assassinato", asseguraram. De fato, já encontramos alguns casos de homicídio provocado por arma de fogo na documentação que pesquisamos, inclusive do inglês Henrique F. Hacken, em 19 de abril de 1903, que faleceu devido a "hemorragia cerebral em seguida de ferimento de arma de fogo"⁹. Era administrador ou feitor? teria sido por vingança? Se é verdadeiro, como demonstrou Grossi (1981), que muitas inimizades eram resolvidas dentro da mina de forma violenta, o inverso também pode ser verificado - a pesquisa poderá elucidar mais este ponto.

⁹ - Arquivo do Cartório de Passagem. Livro de Óbitos nº 2, p. 64.

Conclusão

Em resumo, exaustão física, exposição a perigos, alimentação insuficiente, emersão prolongada em água fria, alcoolismo, perigos naturais, insalubridade do local de trabalho, doenças infecto-contagiosas e ocupacionais, longas jornadas, dentre outros fatores, confluíram para ampliar e agravar o quadro de enfermidades daqueles que retiravam o ouro das entranhas da terra, sejam eles homens livres ou escravos.

De maneira geral, todos estes empreendimentos ingleses experimentaram alguma forma de sinistro provocando sérios problemas tanto para a empresa quanto para o capital humano. Ou seja, o trabalho do mineiro continuou arrebatando diversas vidas e provocando deformações físicas irreversíveis ou temporárias, deixando viúvas e órfãos, inclusive após a introdução da tecnologia inglesa. Eakin (1989, p. 126) é conclusivo: "The revolution in mining technology was a mixed blessing and did not produce a clear-cut advance in safety for miners at Morro Velho". Sem dúvida alguma tal afirmativa pode ser aplicada à Mina de Passagem. Portanto, as evidências nos conduzem a concluir que acidentes, doenças e perigos eram corriqueiros desde os primeiros tempos de Minas, atravessando os séculos XIX e XX.

O resgate da história de Passagem de Mariana e de sua mina é de fundamental importância para a melhor compreensão da história da mineração e da formação econômica de Minas Gerais, das empresas que nesta região atuaram, bem como para a iluminação do caminho que vai do "sub solo à superfície" da vida dos mineiros e de sua gente. Fica parcialmente reconstruído o cotidiano destes homens: sua origem, seu trabalho, suas alegrias e sofrimentos...

Referências Bibliográficas

ANASTASIA, Carla Maria Junho. A imigração italiana em Minas Gerais (1896-1915). In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Vol. II. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 219-227.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Ed. Saber, 1971.

BOGLIOLI, L. et al. *Patología*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1987.

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Trad. David J. Junior. Apresent. e notas Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

CALÓGERAS, Pandiá. AS minas do Brasil e sua legislação; geologia econômica do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1938.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história, ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 45-59.

COSTA, Armando Casimiro e BREDA, Maria Vitória. *Legislação de segurança e medicina do trabalho*. São Paulo: Editora LTR, 1992. 2^a edição.

COURCY, Ernest de, Visconde. *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*. Trad. de Julio Castaño. Estudo crítico Douglas Cole Libby. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997.

COUTINHO, A. Céu. *Dicionário encyclopédico de medicina*. 3. ed. Lisboa: Argo Editora, 1987, 4. vols.

FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral dividido em doze tratados*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, 2v.

EAKIN, C. Marshall. *British enterprise in Brazil*. The St. John d'el rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960. Durham: Duke University Press, 1989.

ESCHWEGE, W.L. von. *Pluto brasiliensis*. Trad. de Domício de Fiqueiredo Murta. São Paulo: Companhia Editora Nacional. sd. Vol. 2.

FERRAND, Paul. *O ouro em Minas Gerais*. Trad. de Júlio C. Guimarães. Notas de João Henrique Grossi, Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento; Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro. 1998. Coleção Mineiriana.

FIGUEIREDO, Luciano R. A. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 141-188.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*, formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 23. ed.. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do diamante durante os anos de 1836-1841. Trad. Milton Amado. Apresentação de Mario G. Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edsup. 1975.

GORCEIX, Claude Henri. Prefácio. In: *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*. Collecções de memórias e de notícias sobre a mineralogia, a geologia e as explorações das minas no Brasil. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1881, n. 1.

GROSSI, Ionne de Souza. *Mina de Morro Velho*: A extração do homem. Rio de Janeiro: Editora paz e Terra, 1981.

HARRISON, T. R. *Medicina interna*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). Metais e pedras preciosas. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. A época colonial. São Paulo: Difel, t.1, v.2, 1985.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista*: Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACEDO, Josaphat. *Incidência da tuberculose entre os trabalhadores em mineração de ouro do Estado de Minas Gerais*: tese apresentada ao primeiro congresso nacional de tuberculose. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, s.d.

MARTINS, Roberto Borges. *A economia mineira no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1980.

_____. *A história da mineração no Brasil*. Trad. Isabel Murat Burbridge e Suzan L. Koslowski. São Paulo: Empresa das Artes. 1989. Edição bilíngüe.

MENDES, René (org.). *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Curso técnico de segurança do trabalho - orientações gerais*. Brasília: MEC; Uberlândia: UFU, 1989.

MONTENEGRO. Túlio Hostilio. *Tuberculose e literatura*, notas de pesquisa. 2. ed. Rio de Janeiro: A Casa do Livro, 1949.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. 2 vols. Trad. Clodo R. Lessa. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

SOUZA, Laura de Mello e. *Os desclassificados do ouro - a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.